



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

14 e 15 de julho de 2018

Diário Catarinense (Capa) e A Notícia (Contracapa)
Caderno Nós

“Efeito tóxico em discussão”

Efeito tóxico em discussão / Tóxico / Pesticidas / Orgânicos / Agricultores / Saúde / Alimentos / Regulamentação / Intoxicação / Lei do Alimento mais Seguro / Pacote do Veneno / PL 6299-2002 / Brasil / Pragas / Meio ambiente / Centro de Informações e Assistência Toxicológica de Santa Catarina / Ciatox-SC / Organização Mundial da Saúde / OMS / Programa Alimento Sem Risco / Ministério Público de Santa Catarina / Blairo Maggi / Ministério da Agricultura / Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária / Embrapa / Instituto Nacional do Câncer / Fundação Oswaldo Cruz / Fiocruz / Epagri / Cláudia Regina dos Santos / UFSC / Organização Mundial do Comércio / OMC / Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura / Sonia Corina Hess

Contracapa



Capa



Após contaminação no campo, Amilton Vogel montou uma cooperativa onde ensina técnicas de produção sem a utilização de veneno

FELIPE CARVALHO

EFEITO TÓXICO

Diante das discussões em torno do projeto que regulamenta o uso de pesticidas, o cultivo de orgânicos surge como alternativa para garantir a qualidade dos produtos consumidos e, também, como opção para agricultores que têm a saúde afetada pelo contato com defensivos

NÓS

NÓS

FELIPE CARNEIRO

Assunto indigesto

SE POR UM LADO, MESMO DANDO O QUE FALAR, AGROTÓXICOS GARANTEM UMA COLHEITA MAIS RÁPIDA, VISTOSA E COM PREÇOS EM CONTA, POR OUTRO COLOCAM NA MESA DA POPULAÇÃO A DISCUSSÃO SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DO USO DE PESTICIDAS, DESDE O CULTIVO NOCIVO PARA AGRICULTORES ATÉ OS MALES GERADOS PELO CONSUMO DE ALIMENTOS DE QUALIDADE DUVIDOSA



EFEITO TÓXICO EM DISCUSSÃO

Divergências sobre a aprovação preliminar de projeto que busca flexibilizar regulamentação do uso de agrotóxicos no país trazem à tona estatísticas alarmantes, como a que indica que o Estado registra 1,8 caso de intoxicação por dia

DAGMARA SPAUTZ
dagmara.spautz@somosnsc.com.br

De um lado, a Lei do Alimento Mais Seguro. De outro, o chamado Pacote do Veneno. Denominações tão diversas para o mesmo projeto de lei, o PL 6299/2002, que flexibiliza a regulamentação de agrotóxicos no Brasil, dão o tom dos debates que cercam o assunto. Uma queda de braços entre o setor ruralista e entidades de saúde e ambientais, que ganhou força diante da aprovação preliminar do projeto no mês passado, em Comissão Especial no Congresso.

Para os agricultores, os pesticidas são os responsáveis pela redução de custos em uma atividade que sofre o ataque das pragas, a instabilidade climática e o alto preço dos insumos. Uma visão de negócios favorecida por um amplo projeto de incentivo ao uso de agrotóxicos implantado pelo governo brasileiro, na década de 1970, para potencializar a produção.

O uso do veneno, no entanto, tem um preço alto para a saúde e o meio ambiente. Segundo dados do Centro de Informações e Assistência Toxicológica de Santa Catarina (Ciatox-SC), no ano passado o Estado registrou 1,8 caso de intoxicação aguda por agrotóxico por dia. Foram 685 em 2017, com 32 mortes – em média um óbito a cada 11 dias.

As estatísticas correspondem apenas aos casos de superexposição aguda ao pesticida. A estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) é que, para cada notificação, outras 50 deixam de ser feitas. E essa é apenas uma parte do problema.

Estudos recentes demonstram que doenças crônicas e silenciosas, cada vez mais comuns, podem ser causadas ou agravadas pelo excesso de agrotóxicos. Pablo Moritz, médico do Ciatox-SC, lista cânceres como leucemia e linfoma, quadros de depressão, autismo, déficit de atenção, nódulos na tireoide, infertilidade e malformações em crianças entre os diagnósticos já apontados em pesquisas no mundo todo como consequência dos produtos utilizados para controlar pragas.

– O grande problema é a exposição crônica. E não há números sobre isso, porque não é notificado. Os estudos que mostram essas relações são da última década, e isso não está bem sedimentado entre as pessoas que atendem esses casos – diz.

O agrotóxico aplicado no campo também chega à mesa. No ano passado, 18% dos produtos analisados pelo programa Alimento Sem Risco, do Ministério Público de Santa Catarina (MPSC), eram

impróprios para o consumo devido à contaminação com excesso de pesticidas. Outros 54% apresentaram resíduos, embora estivessem dentro dos padrões aceitáveis.

O programa avalia todos os anos 670 amostras de verduras, frutas e legumes em busca de agrotóxicos. Metade é coletada diretamente no campo, e metade em supermercados. Embora o índice de contaminação ainda seja alto, ele já foi bem maior. Em 2011, quando foram feitas as primeiras análises, um terço dos alimentos avaliados tinham problemas.

– A população que manipula agrotóxicos pode estar exposta tanto às intoxicações agudas como crônicas, e essas são as que mais preocupam. A pessoa acaba tendo contato com produtos químicos perigosos, que podem influenciar na condição de saúde e piorar um quadro de depressão, por exemplo. Imaginamos, por todo o trabalho que já existe sobre a população no campo, que (esses problemas) possam ocorrer com a população em geral – alerta o sanitarista Eduardo Macário, diretor de Vigilância Epidemiológica em Santa Catarina (Dive).

“SE NÃO PASSAR, NÃO SE COLHE NADA”

O agricultor Sergio Bett, 51 anos, recebeu um diagnóstico de hepatite antes de descobrir que a lesão que tinha no fígado era resultado de uma intoxicação crônica, causada pelas aplicações de herbicida na lavoura de arroz, em Itajaí. Há três anos, desde que confirmou o diagnóstico definitivo da doença, ele passou a fazer uma bateria exames de sangue a cada três meses para acompanhar a evolução do quadro.

Em casa, planta com o pai, Mário Bett, uma horta orgânica variada e desconfia de culturas que têm o ciclo de aplicações bem mais curto do arroz, mas usam o mesmo tipo de agrotóxicos – caso do tomate e do pepino, por exemplo. O trabalho na arrozeira continua, mas as aplicações de pesticida, hoje, quem faz é o irmão. Segundo ele, não é possível abrir mão do método.

– Se não passar o agrotóxico, não se colhe nada – afirma.

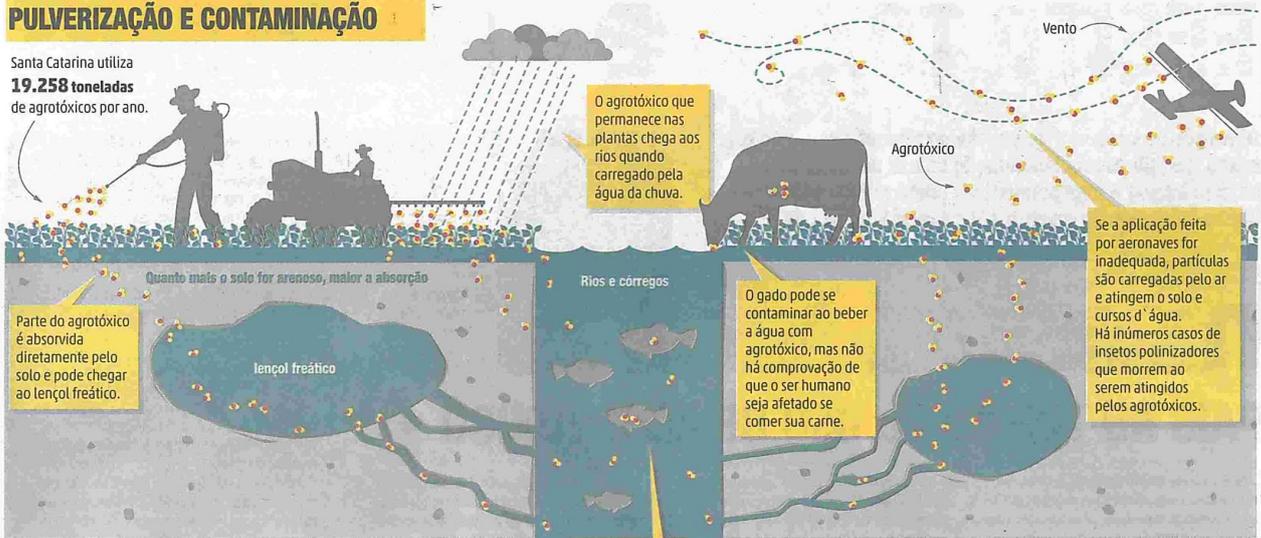
Embora tenha sentido os efeitos crônicos dos produtos usados na lavoura, Bett é a favor de mudanças na lei que regula os agrotóxicos. A legislação atual é da década de 1980 e sofreu alterações ao longo dos anos. O projeto que flexibiliza a regulamentação foi apresentado pelo atual ministro da Agricultura, Blairo Maggi, em 2002. Na época, ele ocupava vaga no Senado.



Mesmo com lesão no fígado causada pelo contato com herbicida usado em lavouras de arroz, agricultor Sergio Bett, de Itajaí, defende o uso de agrotóxicos em plantações

PULVERIZAÇÃO E CONTAMINAÇÃO

Santa Catarina utiliza **19.258 toneladas** de agrotóxicos por ano.



INFOGRAFIA: BEN AMI SCOPINHO / ARTE

COMPARAÇÃO (mg/kg)

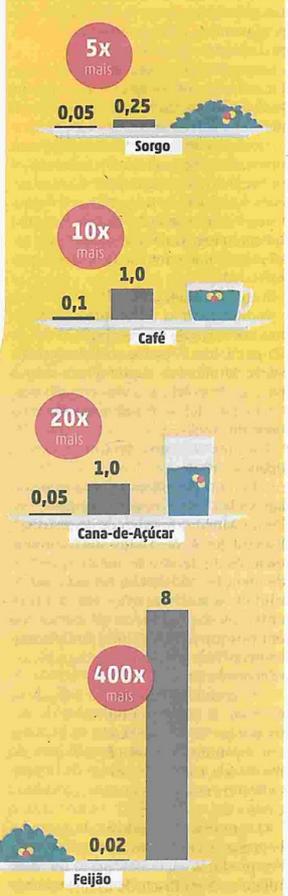
Comparativo entre doses permitidas de agrotóxicos no Brasil e na União Europeia (herbicidas e inseticidas).

■ Brasil ■ União Europeia



ANÁLISE
o tratamento de água analisa os índices de agrotóxicos. Nem todas as substâncias são avaliadas no processo, que calcula os níveis de tolerância.

NO COPO
Os níveis de agrotóxicos permitidos na água, no Brasil, chegam a ser 5 mil vezes maiores do que os permitidos na Europa. É o caso do glifosato, um herbicida usado em diversas culturas no país.



Fonte: Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia (2017), Larissa Mies Bombal



PHOTONIA/REPORTAGES

Após parar no hospital em função de uma intoxicação, Claudemir de Lima passou a cultivar produtos orgânicos em Blumenau

PAÍS NO TOP 10 DO USO DE AGROTÓXICO

A proposta atual, que vai à votação, é um pacote com diversos projetos de lei apresentados nas duas últimas décadas sobre o assunto. O texto altera a denominação dos agrotóxicos para pesticidas e dá mais poder ao Ministério da Agricultura nas aprovações de novos defensivos – hoje, há paridade entre Agricultura, Ministério da Saúde e do Meio Ambiente.

Como Bett, a maioria dos agricultores que trabalha com pesticidas alega que há produtos novos, mais eficientes e seguros, que ainda não foram certificados no Brasil – e que poderiam ser introduzidos mais rapidamente se as alterações forem aprovadas. O argumento a favor da mudança na legislação é endossado por órgãos como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que emitiu parecer apoiando o projeto de lei (veja quadro ao lado).

Por outro lado, entidades ambientais e de saúde como o Instituto Nacional do Câncer (Inca) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ligados ao Ministério da Saúde, questionam as alterações e alegam que elas darão brecha a uma entrada massiva de produtos que hoje ainda são proibidos no Brasil – alguns deles com alto risco de provocar doenças como o câncer, segundo o Inca.

Há várias inconstitucionalidades. Uma delas, bastante perigosa, tira dos Estados a possibilidade de restringir mais do que a lei federal. Outro problema é que o registro de novos agrotóxicos não deve ser rápido, são necessários estudos de longo prazo – avalia a promotora Greícia Malheiros Souza, do Centro de Apoio Operacional do Consumidor no MPSC.

Mercado para a eventual entrada de novos pesticidas não falta: o país, dono de uma das maiores produções de alimentos no mundo, está entre os 10 maiores consumidores de agrotóxicos do planeta. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), ocupamos o 7º lugar na relação da quantidade de produtos aplicados por hectare de terra cultivada. No volume total, o Ministério do Meio Ambiente brasileiro informa que estamos em 1º lugar.

O apelo dos defensivos agrícolas é grande. Em uma atividade extenuante, eles reduzem um tempo de trabalho no campo e aceleram a colheita. A venda é controlada pelo governo, e a aplicação é passível de fiscalização. Há equipamentos de segurança para serem usados, e períodos de carência entre as aplicações e entre a aplicação e a colheita, para garantir que o alimento seja seguro. Mesmo assim, os equívocos e o aproveitamento de substâncias usadas em culturas diferentes são comuns.

– Se o produtor só aplicar quando necessário, a dose correta, com o equipamento devidamente calibrado, e respeitar o período de carência, o alimento é seguro – diz Luis Antônio Palladini, diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação da Epagri, em Santa Catarina.

Claudemir de Lima sentiu na pele os efeitos da exposição aos agrotóxicos quando trabalhava no cultivo de tomate e pimentão, no Norte do Paraná. Crises de vômito, diarreia e dor de cabeça o levaram a passar seis dias internado em um hospital, para se livrar da intoxicação.

– Passavam muito veneno. Na época a gente comia esses alimentos com agrotóxicos, porque não sabíamos o que causava. Mas se não faz mal, como é que eu passei mal? – questiona.

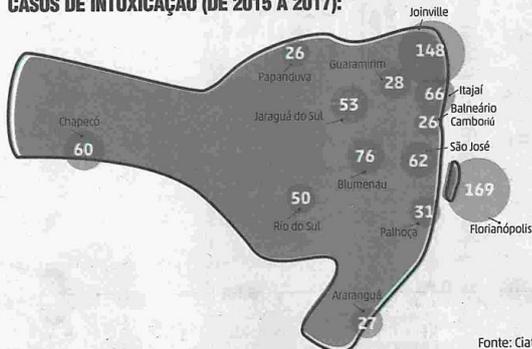
A internação foi a gota d'água. Quando ficou bem de saúde, ele decidiu que não trabalharia mais com pesticidas e se mudou para Blumenau, onde mantém uma chácara com plantações orgânicas. Para manter a qualidade dos produtos, a propriedade faz análises da água e do solo, e mantém barreiras de árvores para evitar que uma eventual contaminação das terras vizinhas atinja o terreno.

– A gente pensa que consumir alimentos com agrotóxicos não faz mal, mas é com o tempo que vai sentir – acredita.

Em intoxicações agudas, quando ocorre grande exposição ao agrotóxico de uma só vez, há casos em que não se usou o equipamento apropriado de segurança, ou faltou manejo correto de aplicação. Cláudia Regina dos Santos, professora da UFSC, iniciou em 2016 uma pesquisa com agricultores de SC para compreender as consequências dos agrotóxicos.

O primeiro município a passar pela avaliação foi Antônio Carlos, na Grande Florianópolis. Os dados estão em análise, mas a observação prévia mostra alterações hormonais, nódulos de tireoide e casos de ansiedade. Também chama atenção a grande quantidade de agricultores que fazem uso de medicamentos antidepressivos.

CIDADES COM MAIOR NÚMERO DE CASOS DE INTOXICAÇÃO (DE 2015 A 2017):



O QUE MUDA SE A LEI FOR APROVADA

O pacote de projetos que altera a regulação dos agrotóxicos no Brasil traz uma série de mudanças em relação à atual Lei dos Agrotóxicos, que é de 1989. A proposta já passou por diversas comissões na Câmara dos Deputados, e só foi reprovada na Comissão de Seguridade Social e Família. A última aprovação ocorreu no fim de junho, em Comissão Especial. Agora, a proposta está pronta para seguir para votação em plenário. Acompanhe quais são as principais alterações:

- O agrotóxico passa a ser chamado, na lei, de pesticida – uma denominação mais "simpática".
- Hoje, para ser autorizado, o agrotóxico só é registrado pelo Ministério da Agricultura (Mapa) depois de passar por análises da Anvisa e do Ibama, que avaliam as consequências para a saúde humana e para o meio ambiente. A proposta prevê que o processo seja coordenado pelo Ministério da Agricultura, e não mais por cada órgão independentemente. Na prática, aumenta o poder de decisão do Mapa em relação aos outros órgãos.
- Os Estados, hoje, podem ter legislações mais rígidas que as federais em relação ao uso de agrotóxicos. A nova legislação retira essa prerrogativa – o que alguns especialistas avaliavam como inconstitucional.
- A análise de perigo é substituída pela análise de risco, que em tese autoriza o uso de produtos quando o risco for aceitável. Defensores do projeto, como as entidades que representam os agricultores, alegam que esse já é o modelo adotado na União Europeia, por exemplo, que tem regras mais rígidas que o Brasil.
- É essa mudança na metodologia de análise que, para entidades como o Instituto Nacional do Câncer (Inca), pode abrir espaço para a entrada de substâncias com maior risco de provocar doenças. A Anvisa não teria condições técnicas de fazer análises caso a caso, como prevê o projeto de lei. O que muda é o princípio da precaução.
- O principal avanço do projeto é a agilização de processos de autorização de novos pesticidas, que hoje leva até cinco anos no Brasil. Os defensores da proposta alegam que o país poderia usar produtos mais modernos e seguros se a aprovação fosse mais rápida. Entidades ambientais e de saúde, no entanto, alegam que a pressa pode trazer prejuízos à saúde e ao meio ambiente que não serão conhecidos a curto prazo.
- A proposta tem o apoio de entidades rurais e governamentais ligadas à agricultura, como a Embrapa, que emitiu nota técnica defendendo a medida. Por outro lado, representantes de ONGs, Ministério Público de diversos estados (inclusive de Santa Catarina), órgãos do Ministério da Saúde e do Meio Ambiente se posicionam contrários. Em junho, a Organização das Nações Unidas (ONU) enviou ao governo brasileiro um comunicado em que alerta que as mudanças "violariam direitos humanos de trabalhadores rurais, comunidades locais e consumidores dos alimentos produzidos com a ajuda de pesticidas".

BOMBA-RELÓGIO DENTRO DO MEIO RURAL

Pesquisas têm relacionado o uso de agrotóxicos com o aumento no número de doenças psiquiátricas e suicídios no campo. Jornadas extenuantes, dificuldades financeiras e familiares, aliados ao uso crônico dos pesticidas, compõem uma bomba-relógio no meio rural.

— A literatura científica aponta que existe uma relação entre uso de agrotóxicos e a ocorrência de quadros neurológicos graves que podem levar à depressão e, como consequência, podem induzir a tentativas de suicídio — avalia Eduardo Macário, da Dive

Na pesquisa iniciada pela professora Cláudia, da UFSC, um dos objetivos é

descobrir o que leva os agricultores a optarem pelo cultivo com agrotóxicos, mesmo sabendo os riscos a que estão expostos. O questionário, no momento, é aplicado entre as comunidades rurais de Santo Amaro da Imperatriz.

— A maioria alega que a produção de orgânicos exige uma demanda física muito grande e rende muito pouco — comenta Cláudia.

Amilton Vogel, 52 anos, optou pelo cultivo de orgânicos depois de enfrentar uma intoxicação que o levou a precisar de transfusões de sangue, na década de 1990. Hoje, mantém uma cooperativa de agricultores na região da Serra do Tabuleiro, em Santo Amaro

da Imperatriz, e faz questão de repassar suas técnicas a outros interessados em mudar o modelo de produção.

— Nos anos 1980, quando começamos a produção de hortifruti na Serra do Tabuleiro, entrou forte o veneno. Comecei a sentir muita fraqueza, o sangue escorria fácil, parecia que estava virando água. Até hoje, quando sinto o cheiro do agrotóxico, minha boca saliva — diz.

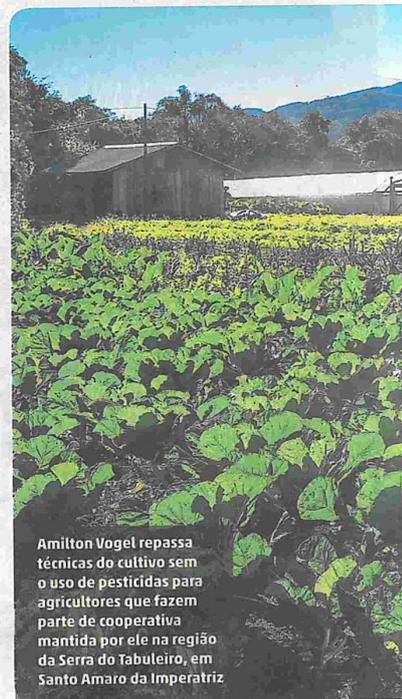
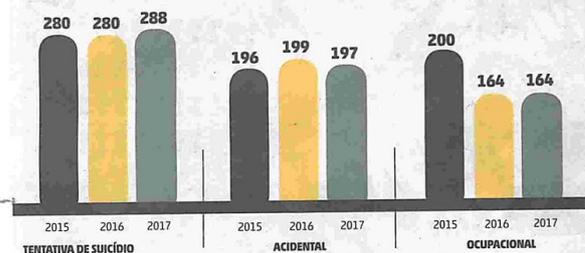
A cultura de orgânicos foi incentivada pela Epagri, e multiplicada por Vogel. Hoje são 40 famílias envolvidas no projeto e 100 espécies diferentes de produtos cultivados, que abastecem desde supermercados até a merenda escolar em cidades como Palhoça, Bombinhas, Tijucas e Ilhota.

Na comunidade, boa parte das famílias acabou optando por trocar o cultivo convencional pelo orgânico, mas não são todas. O trabalho é lento e difícil — dependendo do tipo de cultura, são necessários cinco anos para “limpar” o solo e atestar o produto como orgânico.

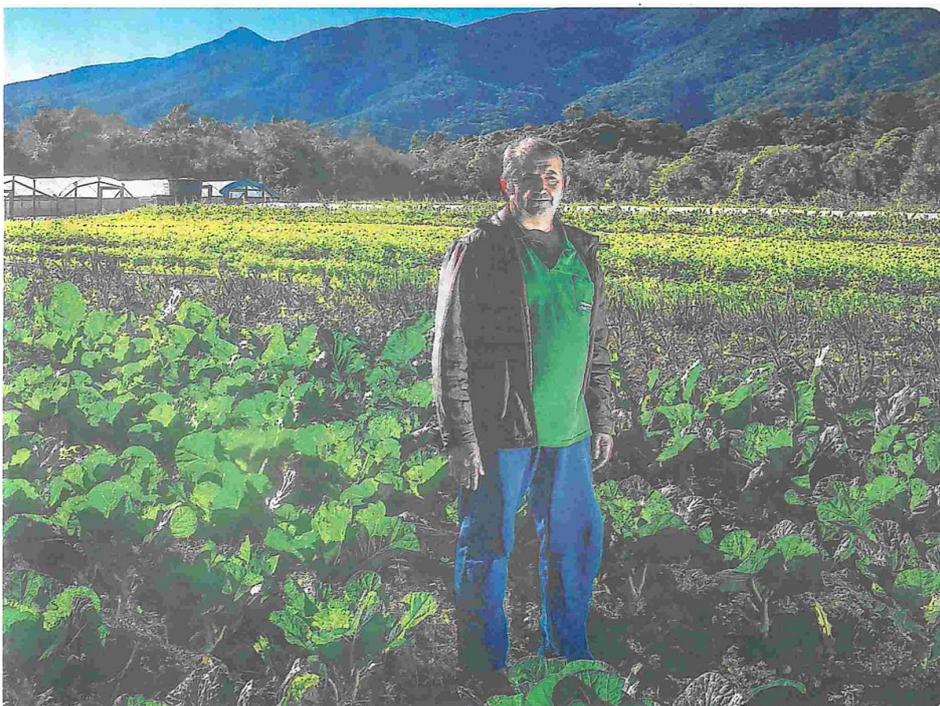
— O agricultor convencional quer colher quantidade, não qualidade. Eu também pensava assim. Vemos que muitos querem mudar para o orgânico, mas desistem porque não é fácil vender o produto — comenta.

PRINCIPAIS CIRCUNSTÂNCIAS DA INTOXICAÇÃO

Fonte: CiaTox SC



Amilton Vogel repassa técnicas do cultivo sem o uso de pesticidas para agricultores que fazem parte de cooperativa mantida por ele na região da Serra do Tabuleiro, em Santo Amaro da Imperatriz



RENE COELHO

PARA ÁGUA CONTAMINADA, NÃO HÁ OPÇÃO

Os preços, em média três vezes mais caros do que os alimentos cultivados com agrotóxicos, tornam o mercado restrito. Quando não conseguem escoar com rapidez, os produtores optam por vender o produto como se fosse convencional, mas aí não conseguem competir com a aparência do alimento que recebeu pesticidas.

O uso de agrotóxicos, de fato, torna os alimentos mais abundantes e baratos no Brasil – e é um dos grandes responsáveis por fazer do país o terceiro maior exportador mundial no setor, segundo dados da Organização Mundial do Comércio (OMC). Há cerca de dois anos, em um congresso internacional sobre milho e sorgo (cereais), realizado no Rio Grande do Sul, o representante da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Alan Bojanic, disse que será necessário aumentar em 70% a produção de alimentos até 2050, para suprir as necessidades de uma população estimada em 9,3 bilhões de habitantes. Nesse cenário, a produção agrícola brasileira tem papel importante para o mundo. O representante da FAO, no entanto, ci-

tou a contaminação e o mau uso da água entre os desafios a serem enfrentados pelo Brasil.

Uma parte dos agrotóxicos aplicados nas lavouras vai parar nos rios e no lençol freático, absorvida pelo solo, ou levada pela água da chuva. Robson Barizon, pesquisador da Embrapa, diz que é possível evitar o problema com o manejo correto do solo – evitar revolver a terra e manter a cobertura da superfície, por exemplo. Mas grande parte da água que vai para tratamento no Brasil tem algum nível de agrotóxicos.

– O fato de ser detectado não quer dizer que represente necessariamente um risco ambiental. Há resoluções que estabelecem os limites para a água potável e a situação no Brasil é confortável, não temos muitos casos que extrapolam esses limites. Mas seria necessário que houvesse uma base de dados maior – avalia.

A lei brasileira não prevê a dosagem de pelo menos duas substâncias que têm análise obrigatória nos países da Europa. Assim, embora os resultados sejam positivos, nem sempre correspondem à realidade.

Em Santa Catarina, o Centro de Apoio

Operacional do Consumidor do MPSC iniciou em março um programa de coletas de água para análise de resíduos de agrotóxicos, em parceria com a Agência Reguladora Intermunicipal de Saneamento (Aris) e a Agência de Regulação de Serviços Públicos de Santa Catarina (Aresc). O projeto começou pelo Oeste e a Grande Florianópolis, mas deverá cobrir todas as regiões do Estado.

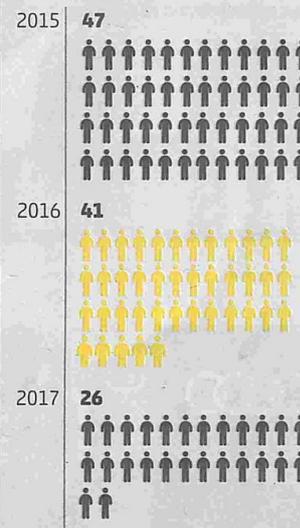
Dos 24 laudos emitidos até agora, só um apresentou resíduos de agrotóxicos. São três substâncias em uma mesma amostra – duas estão dentro dos limites estabelecidos por lei, e uma não faz parte das análises obrigatórias, por isso não tem limite máximo permitido.

A possibilidade de contaminação da água está entre as maiores preocupações dos pesquisadores. Doutora em química, a professora Sonia Corina Hess, da UFSC, diz que há uma defasagem preocupante entre a legislação e o conhecimento científico no Brasil, que torna a contaminação da água difícil de controlar. O problema é dos mais graves: diferente da alimentação, em que podemos fazer escolhas, da água contaminada não há como escapar.

CASOS DE INTOXICAÇÃO POR AGROTÓXICOS EM SC



CASOS GRAVES



GRAVES COM SEQUELAS



MORTES



Fonte: Ciatox SC

Diário Catarinense (Contracapa) e A Notícia
Reportagem Especial
"Eleitor biônico"

Eleitor biônico / Perfil Fakes / Redes sociais / Robôs / Pré-candidatos ao governo do Estado / Twitter Audit / Botometer / Décio Lima / Esperidião Amin / Gelson Merisio / João Paulo Kleinübing / Jorginho Mello / Leonel Camasão / Mauro Mariani / Paulo Bauer / Rogério Portanova / Doutorado em Sociologia Política / UFSC / Jacques Mick / Tribunal Regional Eleitoral / TRE-SC

ELEIÇÕES 2018

Uso de perfis fakes acende alerta para as redes sociais

Levantamento do DC aponta a existência de contas consideradas robôs entre os seguidores dos pré-candidatos ao governo do Estado. **Páginas 6 e 7**

ELEITOR BIÔNICO

LEVANTAMENTO DA NSC identifica presença de perfis robôs seguindo contas de pré-candidatos a governador de SC em rede social. Prática eleva risco de difundir mensagens falsas

LARISSA NEUMANN
larissa.neumann@somosnsc.com.br

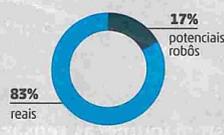
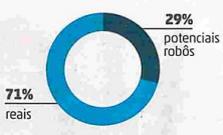
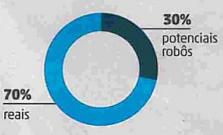
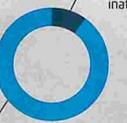
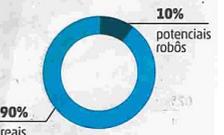
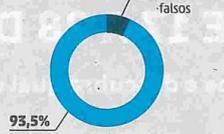
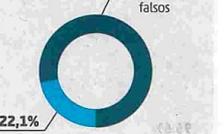
Criada em abril deste ano e com quase 5 mil seguidores até sexta-feira, uma conta no Twitter, de uma mulher da Indonésia, que tem apenas 11 publicações, tem entre a lista de amigos pessoas sul-africanas, norte-americanas, orientais e um parlamentar catarinense pré-candidato ao governo do Estado. As chances dessa conta, que não interage com outros usuários da rede social, ser um robô (ou *bot*, na linguagem da computação), é de 94%. Somado a esse perfil, a reportagem da NSC identificou que a média de perfil robôs no Twitter que seguem os nove políticos com intenção de disputar as eleições estaduais deste ano varia entre 15% e 25%.

Os dados, levantados entre os dias 10, 11 e

12 deste mês, foram obtidos a partir de duas ferramentas desenvolvidas para este fim: Twitter Audit e Botometer. O Twitter foi escolhido para a pesquisa pois, diferentemente do Facebook, tem o acesso à base de dados aberta para essa finalidade.

A reportagem se inspirou em um estudo publicado pelo instituto InternetLab, de São Paulo, que concluiu que 37% dos perfis no Twitter dos pré-candidatos à Presidência são bots. Para concluir quais perfis têm potencial de ser um robô, essas ferramentas operam a partir de um algoritmo e observam determinadas características, como interações, tempo e frequência de publicações, assim como seus seguidores e amigos.

A preocupação de possíveis interferências nas campanhas eleitorais a partir de perfis falsos e bots tem histórico. Estudo da Fundação Getúlio Vargas apontou que em 2014

SITUAÇÃO NO TWITTER				
Pré-candidato + Detalhes da conta	DÉCIO LIMA PT	ESPERIDIÃO AMIN PP	GELSON MERISIO PSD	JOÃO PAULO KLEINÜBING DEM
	 <p>Conta: @deciolimapt Criada: dezembro de 2009 Quantos seguidores: 9.747</p>	 <p>Conta: @esperidiaoamin Criada: setembro de 2010 Quantos seguidores: 7.599</p>	 <p>Conta: @merisio Criada: março de 2009 Quantos seguidores: 4.477</p>	 <p>Conta: @jpkleinubing Criada: maio de 2015 Quantos seguidores: 706</p>
Resultado com Botometer Ferramenta da Universidade de Indiana (EUA) que calcula a probabilidade de um perfil no Twitter ser automatizado. Usa a base de dados das contas da rede social e faz a análise a partir da frequência de postagens, interações e características de amigos e seguidores. A taxa de acerto é de 86%. A NSC analisou uma amostra aleatória de 100 seguidores de cada um dos perfis dos pré-candidatos ao governo de SC no Twitter para identificar a média de potenciais robôs em cada conta.	 	 	 	 
Resultado com Twitter Audit Ferramenta online que analisa automaticamente uma amostra de até 5 mil seguidores do Twitter e calcula uma pontuação para cada seguidor. O resultado é baseado no número de tweets e proporção de seguidores para amigos, determinando por meio de porcentagem se o usuário é real ou potencial robô.				
Contrapontos	<p>Informou que não tinha conhecimento sobre os perfis robôs que o seguiam. Disse que não faz uso direto da conta e que sua assessoria abastece a rede social. Garantiu que nunca comprou seguidores e que também não é favorável. Ponderou que isso pode ser uma prática preocupante nas eleições. Por fim, pontuou que atualmente utiliza mais o Facebook, conta que está entre as principais entre deputados e senadores. Porém, afirma ter uma política de ação para as redes sociais que deve ser usada algo longo da campanha, fazendo uso de todas as ferramentas disponíveis.</p>	<p>Afirmou que a conta analisada pode ser considerada inativa, já que, desde a virada do ano, quando teve seu telefone roubado e dados apropriados por outra pessoa, não entra mais no perfil. Pontuou ainda que deixou de usar o Twitter pois se habituou a trabalhar com o Facebook. Apesar disso, lamentou a existência de perfis robôs e lembrou que já foi vítima de notícias falsas neste ano.</p>	<p>Via assessoria, disse que além do Twitter, mantém ativas outras quatro redes sociais. Questionado se alguma vez comprou de perfis robôs, disse que a equipe "trabalha na direção inversa" e que a orientação é remover qualquer potencial robô. Pontuou ainda que tem ciência de que perfis falsos ou robôs são frequentes nas redes sociais e que a assessoria denuncia contas com essas características quando são identificadas. Por fim, afirmou que por conta disso, está lançando um canal exclusivo para esclarecer boatos e fake news.</p>	<p>Via assessoria, informou que, apesar de pouco usada, a conta no Twitter é ativa e ressalta que nunca comprou perfis robôs. Ao ser questionado se pretendia fazer algo com relação a isso, informou que não, pois tem "absoluta certeza de que não existem perfis robôs" na conta analisada pela reportagem. Ponderou que, apesar de não usar, acredita que "esse tipo de tecnologia pode deturpar os números reais de informações e acessos, além de tornar a campanha uma corrida desleal" e que acreditava em uma campanha limpa sem esse artifício.</p>

presenciáveis teriam feito uso de perfis falsos para espalhar mensagens positivas sobre si mesmos. Nas eleições de 2016, nos Estados Unidos, outro estudo identificou que 41% dos seguidores de Hillary Clinton, por exemplo, tinham potencial robô.

Neste ano, quando pela primeira vez o pagamento para impulsionar postagens na internet será permitido na campanha, a preocupação é com a disseminação de mensagens falsas. Para o especialista em mídias digitais Joel Minusculi, o problema é a dificuldade de usuários comuns têm para identificar perfis automatizados, já que, na maioria dos casos, os exércitos de robôs são usados para divulgar links e dados a fim de manipular a opinião pública.

“O Twitter é um ambiente focado nisso. Eles podem sabotar informações verdadeiras para propósitos ruins. Ou seja, o perigo maior de seguir um robô é não saber que ele é um

robô e cair nas armadilhas twittadas. Além de mentiras, podem também esconder vírus ou só massificar frases, como se fossem perfis “panfleteiros” esperando para alguém pegar a ideia.

USO DE ROBÔS PODE CONFIGURAR FRAUDE

Especialista no tema e professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo (USP), Pablo Ortellado pondera que, como ainda não se sabe qual o tamanho desse fenômeno nem o quão decisivo no processo eleitoral será, o alerta está nas grandes campanhas usarem esse artifício.

– No Twitter, a principal função (dos bots) é criar *trending topics*, dando a impressão para outros usuários de que um determinado assunto está sendo discutido por muita gente. Já os perfis falsos, que são mais um fenômeno do Facebook, são normalmente operados por huma-

nos com o intuito de influenciar comunidades em favor de políticos – explica.

Em contrapartida, o doutor em Sociologia Política pela UFSC, Jacques Mick, pondera que os perfis robôs identificados pela reportagem, se comparados com os quase 5 milhões de eleitores catarinenses, não chegam a preocupar, pois provavelmente terão alcance restrito e seria preciso analisar a finalidade para a qual foram criados, como mobilizar outros políticos ou mapear perfil de consumidores.

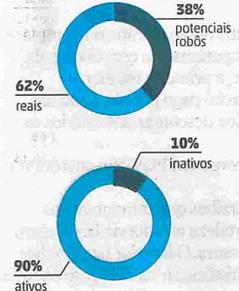
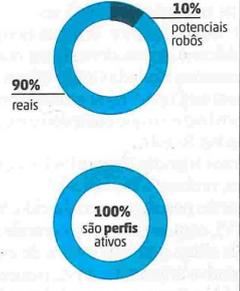
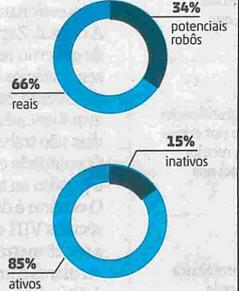
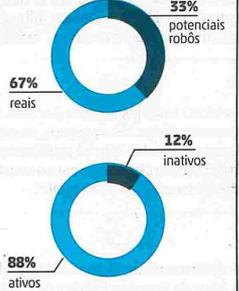
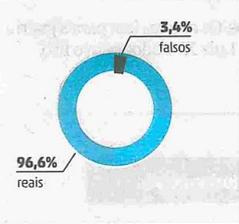
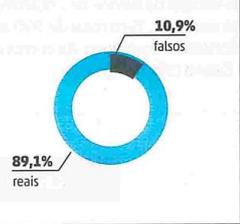
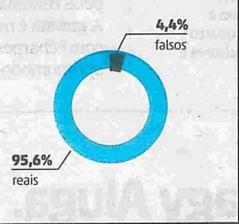
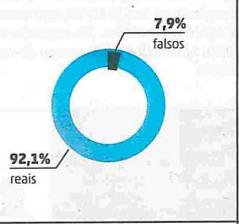
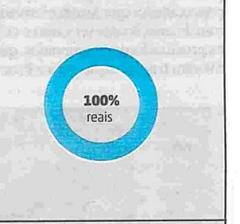
O Tribunal Regional Eleitoral (TRE-SC) informa que a legislação proíbe anonimato e uso de perfis automatizados, principalmente se divulgar notícias falsas. De acordo com o juiz Antonio Schenkel do Amaral e Silva, presidente do Comitê Consultivo da Internet para combate às fake news, essa prática configura violação à legislação eleitoral. O uso durante a campanha ainda pode ser considerado fraude.

SAIBA COM QUEM ESTÁ FALANDO

Comportamentos recorrentes ajudam a identificar robôs:

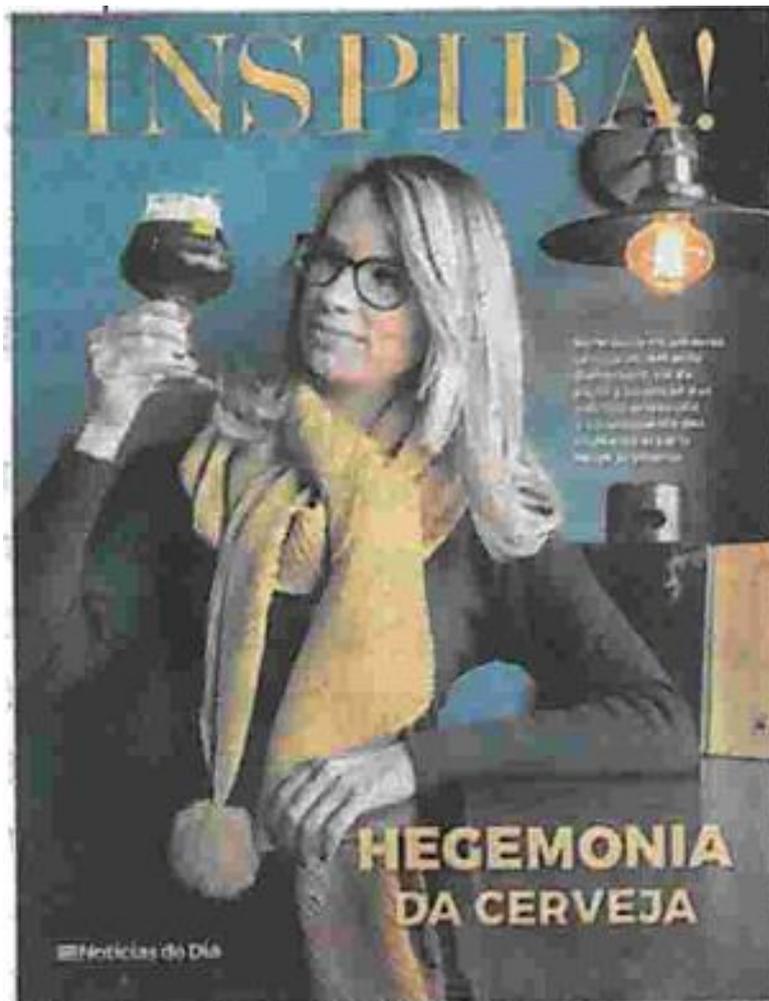
- O perfil “fala sozinho”
- Não interage com outros perfis
- Não desenvolve conversas que tenham sentido
- Alguns robôs só conseguem dar respostas rápidas, nada muito elaborado
- Vale sempre checar se a pessoa por trás daquele perfil existe também em outras redes ou sites oficiais. Senão, a chance de ser fraude é maior.

Fonte: Joel Minusculi, especialista em mídias digitais

JORGINHO MELLO PR	LEONEL CAMASÃO PSOL	MAURO MARIANI MDB	PAULO BAUER PSDB	ROGÉRIO PORTANOVA REDE
 <p>Conta: @jorginhomello Criada: julho de 2009 Quantos seguidores: 5.596</p>	 <p>Conta: @leonelcamasao Criada: março de 2009 Quantos seguidores: 2.477</p>	 <p>Conta: @MauroMariani15 Criada: dezembro de 2009 Quantos seguidores: 6.459</p>	 <p>Conta: @paulobauer65 Criada: outubro de 2009 Quantos seguidores: 14.800</p>	 <p>Conta: @portanovaecolo Criada: fevereiro de 2018 Quantos seguidores: 10</p>
				
				
<p>Afirmou não saber da existência de robôs no perfil do Twitter analisado, não faz uso de perfis falsos e que “sempre refutou”. Ponderou que, se houver algum seguidor desse tipo, é algo residual. Detalhou que sempre orienta os responsáveis pela administração das redes para não fazer uso de robôs ou pessoas de outros países. Por fim, explicou que usa mais o Facebook, mas que ao longo da campanha eleitoral pretende fazer uso de todas as redes sociais consideradas legais, dentro do que a legislação permite.</p>	<p>Informou que a conta analisada é ativa e que atualmente interage semanalmente com seus seguidores. Disse ainda que não tinha conhecimento da existência de possíveis robôs em sua conta e que sabe que se trata de um fenômeno cada vez mais comum. Mas não sabia da existência e também comprou robôs ou seguidores, nem nada parecido. Acredita ainda que o percentual de seguidores suspeitos de serem robôs identificados na conta analisada é baixo.</p>	<p>Informou que hoje em dia usa pouco o perfil no Twitter analisado e que não tinha conhecimento sobre as contas com potencial de serem robôs que o seguem. Disse ainda que considera o percentual identificado baixo. Acredita que iniciando o processo eleitoral precisará de um acompanhamento mais profissional nas redes sociais. Sobre a disseminação de informações falsas lamentou que, cada vez mais, essa prática deixa as redes sociais sem credibilidade.</p>	<p>Via assessoria, disse que a conta analisada costuma ser usada para prestação de contas e divulgação do mandato do senador e nunca comprou perfis robôs para o perfil. Ressaltou que nunca fez uso de perfis automatizados, mas que desconfiava que “havia algo errado em função dos ataques que a conta já sofreu”. Pretende descobrir quais são os perfis robôs e apurar os riscos para o perfil. Ressalta que deve continuar “falando a verdade pela transparência e para combater ataque”.</p>	<p>A assessoria informou que a conta foi criada recentemente e que usa as redes sociais de forma geral. Disse ainda que, atualmente, Portanova conta com outras quatro redes sociais, entre elas Facebook, Instagram, YouTube e SoundCloud, mirando uma campanha competitiva. Ainda conforme a assessoria, o pré-candidato percebe que “uma das formas mais intensas e certamente mais econômica” de fazer campanha “é utilizar as redes sociais”.</p>

Notícias do Dia
Capa - Caderno Inspira
"A vez das cervejas e das cervejeiras"

A vez das cervejas e das cervejeiras / Hegemonia da cerveja / Amanda Reitenbach / Sommeliers / Mestrado / UFSC / Science of Beer Institute / Festival Brasileiro da Cerveja / Blumenau / Florianópolis / Cerveja artesanal / Catharina Sour / Mercado cervejeiro



Na revista desta semana,
a sommelier Amanda
Reitenbach conta como
as cervejas artesanais
e as cervejeiras estão
conquistando o mercado

INSPIRA!



Referência no universo
cervejeiro, Amanda
Reitenbach viu de
perto a ascensão das
bebidas artesanais
e o crescimento das
mulheres experts
nesse segmento

HEGEMONIA DA CERVEJA

A vez das cervejas e das cervejeiras

SOMMELIER AMANDA REITENBACH É UMA DAS PIONEIRAS NO ENSINO DO SEGMENTO, QUE TEM ATUAÇÃO SIGNIFICATIVA DE MULHERES NO PAÍS

KARIN BARROS

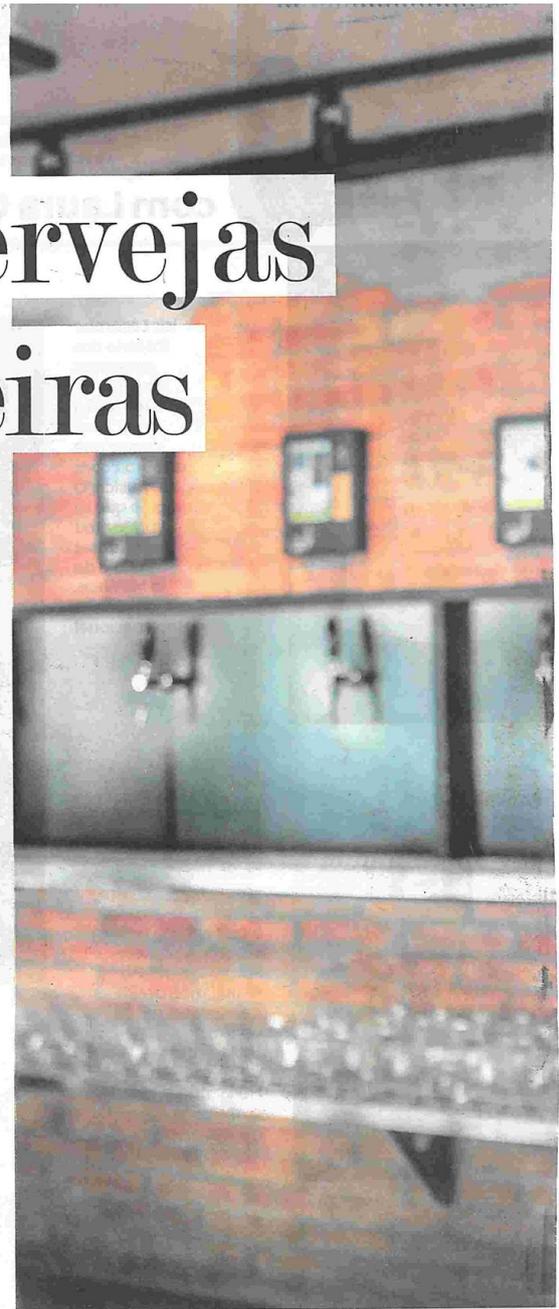
Karin.barros@noticiasdodia.com.br

O mercado cervejeiro no país vem surpreendendo a cada ano que passa. Se a maioria das pessoas acha que o mundo cervejeiro é apenas masculino, está enganado. O país está entre os que têm maior número de mulheres sommeliers no mercado mundial.

Outro destaque é sobre Blumenau, que continua sendo referência por causa da Oktoberfest e do Festival Brasileiro da Cerveja, contudo, não é a cidade com maior número de cervejarias. Segundo a engenheira de alimentos, mestre cervejeira e sommelier Amanda Reitenbach, 34, hoje, o cenário é bem distribuído por todo o Estado, e a Grande Florianópolis já superou o número de cervejarias da cidade mais alemã de Santa Catarina.

Amanda, que nasceu em Curitiba (PR), mas é moradora de Florianópolis, é inclusive uma das precursoras na formação qualificada desses cervejeiros. Ela foi a pioneira na criação do primeiro curso presencial em Blumenau com o Science of Beer Institute. Na época, em 2010, ele nasceu como uma pós-graduação em processos em uma universidade da região. Com o tempo, ele foi sendo estruturado e remodelado, e hoje atende o Brasil inteiro, América Latina, Estados Unidos e parte da Europa com cursos itinerantes. Cerca de 80 turmas foram formadas, sendo que, de acordo com Amanda, 50% dos alunos são curiosos interessados em entender o que bebem e outros 50% de pessoas que querem entrar no mercado cervejeiro e se profissionalizar.

Amanda Reitenbach tem mestrado pela UFSC e doutorado na Alemanha com pesquisa voltada ao mundo da cerveja



Mercado à frente da Alemanha e da Bélgica

A Science of Beer Institute, empresa com sede em Florianópolis, é a responsável pela organização do Festival Brasileiro da Cerveja desde a primeira edição. Amanda afirma que busca viajar o mundo todo atrás de novidades na área cervejeira participando de feiras, congressos e concursos. "É preciso estar antenado com o que está acontecendo, e por ter esse viés acadêmico, aproveito para publicar artigos, assistir palestras, fazer cursos, ver o que tem de tendência e inovação para trazer para a escola", diz a cervejeira que tem mestrado na UFSC e doutorado na Alemanha.

Segundo a especialista, o festival da cerveja que ocorre há dez anos em Blumenau é o terceiro no mundo em número de cervejas de concurso - esse ano foram 3.000 rótulos -, e de festival. "Estamos atrás apenas dos EUA [os dois festivais deles

estão em primeiro e segundo lugar], porque é um mercado maior que o nosso. Estamos à frente da Alemanha e da Bélgica, que são as cidades de maior cultura cervejeira", explica.

O festival também serve como termômetro do mercado cervejeiro que cresce muito a cada ano. Amanda lembra que mesmo assim essas cervejas participantes representam apenas 1% do que é consumido no país, e o restante é tipo pilsen. "Os EUA é um grande exemplo para a gente. Eles há 12 anos tinham 1% também e com o trabalho da associação cervejeira americana, o número hoje representa 30% da fatia. Temos que olhar para esse mercado e ver o quanto podemos crescer, porque o Brasil é muito grande e tem potencial. Esse número tem que mudar rapidamente, pois temos muito espaço para crescer e acredito que essa mudança virá nos próximos anos", conclui.



DANIEL QUERROZ/NO

Catharina Sour

A conquista mais recente da cerveja artesanal foi no dia 4 deste mês, quando o país teve o primeiro estilo nacional catalogado pela mais importante instituição de juizes de cervejas do mundo, o Beer Judge Certification Program. A Catharina Sour, cerveja ácida com adição de frutas, agora pode ser julgada em todo o mundo em concursos oficiais que seguem essa normativa.

A história da Catharina Sour começou em 2015, em Santa Catarina, entre os produtores caseiros. Em 2016, através da Acasc (Associação Catarinense das Cervejas Artesanais), eles organizaram um workshop que contou com a participação de mais de 20 cervejarias, que passaram a produzir a Catharina Sour profissionalmente. Nos eventos cervejeiros seguintes o estilo começou a se popularizar e hoje, além de marcas de todo o Brasil, já há cervejarias de outros países da América Latina colocando as suas Catharinas Sours em produção.

Amanda afirma este ano houve um aumento muito grande de Catharina Sour no Festival Brasileiro da Cerveja, e chamou muito a atenção do público do exterior. "Esse estilo na maioria das vezes usa frutas tropicais, ervas e especiarias. É um diferencial nosso, é um país muito rico, criativo e temos que explorar o que a gente tem de ingrediente para recuperar tantos anos que esses países tão tradicionais têm de cultura cervejeira à frente da gente", diz.

O MERCADO CERVEJEIRO CRESCE LÁ FORA COMO AQUI?

É uma tendência mundial, e a gente pode observar isso porque é uma atenção geral no comer e beber, nas experiências. Passamos por uma experiência onde tudo foi industrializado, massificado, mas agora vemos essa busca contrária pelo artesanal, orgânico. Um movimento mundial em todos os hábitos alimentares. O consumidor está prestando mais atenção no que come e bebe, sabores, aromas. Em todos os países a gente vê esse número crescendo. Eu mori em Berlim para fazer o doutorado e a cada semestre eu vejo abrindo novas cervejarias, novos festivais, em um país que a cerveja é tão tradicional e antiga.

COMO VOCÊ VÊ AS GRANDES REPRESENTANTES DE BEBIDAS DO PAÍS COMPRANDO AS PEQUENAS CERVEJARIAS? TEMOS VÁRIOS EXEMPLOS NACIONAIS.

Um pouco contrária do que a maioria acha, eu acho positivo, porque esse tipo de fusão traz benefícios, lógico que também tem o outro massacrante comercial, mas traz acessibilidade. Hoje encontramos marcas boas em um preço muito acessível e em muitos pontos de venda, e isso desperta o interesse do consumidor. Pela parte comercial o pessoal reclama bastante, pelo ponto de venda, pela exclusividade.

MAS ACREDITA QUE NA FABRICAÇÃO ELES SE MANTÊM FIEL À RECEITA, À QUALIDADE?

Esse ponto é bem difícil de tratar, porque se a gente pensa em qualidade, as grandes marcas têm muito mais controle de qualidade do que as pequenas cervejarias, apesar de que qualidade é muito subjetiva. As grandes têm muita infraestrutura, porque custa caro, por exemplo, ter um laboratório, uma equipe de especialista. Uma cervejaria grande controla o padrão da espuma, a carbonatação, a cor, a validade a todo tempo, desde quando sai da fábrica ao prazo de validade final. A pequena não tem laboratório, não tem analista e não tem controle do produto dela no mercado.

Festivais e impulso aos bares

Quem acompanha o mundo da cevada com certeza vê com frequência eventos na região relacionados ao assunto, e isso deve acontecer cada vez mais. "Esses festivais estão crescendo e se tornando regionais. Começou pelos estados, passou para as cidades e agora para os bairros, ficando mais regional, o que é melhor até para as cervejarias, que tem menor gasto com viagens", acrescenta a especialista.

O que também acompanhou a tendência cervejeira foram os bares da Capital. "Florianópolis há 10 anos só tinha um bar que servia cerveja artesanal, e ainda eram bem poucas. Hoje cada bairro tem até mais de mais uma opção. O mercado em Florianópolis mudou muito em três anos, e aceitou muito bem isso. Os festivais, a comida de rua, também ajudaram. Essa esfera da experiência, prestar atenção no que está sendo consumido, tudo mudou o mercado", salienta Amanda.

Diário Catarinense e A Notícia
Cacau Menezes
"Ilha da Magia"

Ilha da Magia / Renata Dal-Bó / Laudelino José Sardá / Curso de Jornalismo
/ UFSC / Museu / Franklin Cascaes / Gelcy Coelho / Peninha

ILHA DA MAGIA

Leitora e jornalista Renata Dal-Bó escreve para dizer que também acredita que a "Ilha da Magia" está precisando de muito mais magia, comentando artigo desta semana no DC do seu colega Laudelino José Sardá, que Cacau repercutiu na sexta-feira. "Nos anos 1990, quando fazia jornalismo na UFSC, uma novela da extinta TV Manchete foi gravar no Museu do Franklin Cascaes na universidade, coordenado pelo Gelcy Coelho, o Peninha. A novela se chamava "Ilha das Bruxas" e nós, estudantes de jornalismo, ficamos de figurantes. Era o centro do Brasil vindo para Floripa para propagar a magia da Ilha pelo país. Temos que resgatar essa cultura, sem dúvida", diz Renata.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

14/07/2018

[Leas podem ser campeãs do futebol de campo](#)

[Futebol virtual é atração nos Jogos Universitários](#)

[UFSC abre vagas para Medicina](#)

[Com -2,2 São Joaquim marca nova geada e campos ficam cobertos de gelo no Caminhos da Neve](#)

[Levantamento da NSC identifica prováveis perfis robôs seguindo contas de pré-candidatos ao governo de SC](#)

15/07/2018

[Placas ao chão](#)

[Mestre cervejeira de Florianópolis é pioneira na formação qualificada da área](#)

[Tribunal de Justiça do Rio faz primeira sessão de mediação com intérprete de Libras](#)

[Contaminação da água por agrotóxicos preocupa pesquisadores](#)

[Brasil está entre os países que consomem mais agrotóxicos no mundo](#)

[EUA: Glifosato leva Monsanto a julgamento](#)